Poesia cabo-verdiana contemporânea – a poética de José Luís Tavares

Contemporary Cape Verdean poetry – the poetics of José Luís Tavares

RUBENS PEREIRA DOS SANTOS*

RESUMO: JOSÉ LUÍS TAVARES É, ATUALMENTE, UM DOS GRANDES NOMES DA POESIA CABO-VERDIANA. SEM DESLIGAR-SE DA RICA TRADIÇÃO LITERÁRIA DE SEU PAÍS, OS SEUS VERSOS APRESENTAM NÍTIDAS DIFERENÇAS DE TEMÁTICA, FORMA E ESTRUTURA. A REINVENÇÃO DA LINGUAGEM E A METAFORIZAÇÃO DO DISCURSO SÃO IMPORTANTES MARCAS DE SEU FAZER POÉTICO.

ABSTRACT: JOSE LUIS TAVARES IS CURRENTLY ONE OF THE GREATEST NAMES IN CAPE VERDEAN POETRY. WITHOUT TURNING AWAY FROM THE RICH LITERARY TRADITION OF THIS COUNTRY, HIS VERSES HAVE CLEAR DIFFERENCES IN THEME, FORM AND STRUCTURE. THE REINVENTION OF LANGUAGE AND METAPHORICAL DISCOURSE ARE IMPORTANT MARKS OF HIS POETIC.

PALAVRAS-CHAVE: POESIA CABO-VERDIANA CONTEMPORÂNEA, REINVENÇÃO DA LINGUAGEM, METAFORIZAÇÃO DO DISCURSO.

KEYWORDS: CONTEMPORARY CAPE VERDEAN POETRY, REINVENTION OF LANGUAGE, METAPHORICAL DISCOURSE.

* Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, São Paulo, Brasil. E-mail: reviru@terra.com.br.

Pode-se dizer que a moderna poesia cabo-verdiana surgiu em 1936, juntamente com a criação da revista *Claridade*. A poesia claridosa foi o estopim para o nascimento de uma literatura nativista, com temas oriundos das ilhas, que se relacionavam com o sentimento do ilhéu. A revista acolheu – ao longo de uma trajetória que vai de 1936 a 1960 – um grande número de jovens poetas, estabelecendo uma marca divisória bem clara entre o passado e o presente da vida literária cabo-verdiana, a começar pelos próprios fundadores da revista: Manuel Lopes, Baltasar Lopes da Silva/Osvaldo Alcântara e Jorge Barbosa, todos eles poetas preocupados em expressar poeticamente o sentir cabo-verdiano.

O grande problema do povo das ilhas sempre foi a questão da seca. A estiagem trazia (e traz ainda) um sofrimento enorme, pois com ela vêm a fome e a morte. Na época, a única possibilidade era a emigração, uma tentativa de o homem ilhéu sobreviver e garantir aos seus familiares uma vida mais digna. Esse era o problema concreto nos idos de 1930 e os jovens da *Claridade* sentiam que estavam diante do grande tema, pois os cabo-verdianos, condenados pela natureza, resistiam o quanto podiam à diáspora: queriam ficar, mas muitas vezes eram forçados a sair do solo pátrio em busca de alimentos. Surge, então, liderado por Osvaldo Alcântara, o movimento evasioneiro. Importante ressaltar que o evasioneiro tem como peças-chaves para o seu aparecimento os poemas de Manuel Bandeira, daí também ser conhecido como Pasargadismo. O poema de Osvaldo Alcântara, “Itinerário de Pasárgada”, exemplifica bem esse momento:

Saudade fina de Pasárgada...
Em Pasárgada eu saberia
Onde é que Deus tinha depositado
O meu destino...

E na altura em que tudo morre...
(cavalinhos de Nosso Senhor correm no céu;
a vizinha acalenta o sono do filho rezingão;
Tói Mulato foge a bordo de um vapor;
O comerciante tirou a menina de casa;
Os mocinhos de minha rua cantam

Indo eu, indo eu,
A caminho de Vizeu...)

Na hora em que tudo morre,
Essa saudade fina de Pasárgada
É um veneno gostoso dentro do meu coração (ALCÂNTARA *Apud* ANDRADE, 1975, p. 32).

O poema apresenta elementos muito caros aos ilhéus: a melancólica saudade de um sonho que não se concretizou; a utopia como o desejo de realizar tal sonho; o cotidiano das ilhas, representado pelo acalanto da mãe, pela fuga do jovem Toi, pelo rapto da jovem e pelas brincadeiras dos meninos que cantam.

Os versos de Alcântara não dialogam apenas com a Pasárgada de Bandeira, há também um intertexto com o poema “Evocação de Recife”, conforme atesta o fragmento do poeta pernambucano:

A gente brincava no meio da rua
Os meninos gritavam:

Coelho sai!
Coelho não sai!

À distância as vozes macias das meninas politonavam:

Roseira dá-me uma rosa
Craveiro dá-me um botão

(Dessas rosas muita rosa
Terá morrido em botão...) (BANDEIRA, [s.d.], p. 90-91).

Os versos de Alcântara (“Os mocinhos de minha rua cantam/ Indo eu, indo eu,/ A caminho de Vizeu...”) são bons exemplos da intertextualidade existente entre os poemas de Osvaldo Alcântara e Manuel Bandeira. O final do poema é um verdadeiro achado: “Essa saudade fina de Pasárgada/ É um veneno gostoso dentro do meu coração”.

Aliás, Manuel Bandeira provocou um intenso furor produtivo em Cabo Verde. Como contraponto do movimento evasionista surgiu o *antievasonismo* ou *antipasargadismo*, liderado por Ovídio Martins e por Onésimo Silveira, que diziam: “esta é a geração que não vai para Pasárgada”. Como lema, usavam a expressão “fincar os pés na *tchom*”. O poema que melhor identifica esse momento da poesia cabo-verdiana é “Antievasão”, de Ovídio Martins:

Pedirei
Suplicarei
Chorarei

Não vou para Pasárgada

Atirar-me-ei ao chão
E prenderei nas mãos convulsas
Ervas e pedras de sangue

Não vou para Pasárgada

Gritarei
Berrarei
Matarei

Não vou para Pasárgada (MARTINS *Apud* ANDRADE, 1975, p. 48).

Percebe-se claramente o tom teatral dos versos de Ovídio; utilizando-se muito bem da gradação (Pedirei/Suplicarei/Chorarei; Gritarei, Berrarei, Matarei), o poeta revela em seus versos a disposição do eu poético em permanecer na sua terra. O apelo teatral aparece nos versos “Atirar-me-ei ao chão/E prenderei nas mãos convulsas/ Ervas e pedras de sangue”. Na verdade, tratava-se de não apenas “fincar os pés na *tchom*”, mas de estar de corpo inteiro enraizado na terra.

Na sequência do movimento *antievasonista*, Francisco Fragoso (Kwame Kondé) escreve o livro *Renunciando Pasárgada* (1974), utilizando o crioulo, numa evidente posição de valorizar a língua do povo ilhéu.

Durante muito tempo, a poesia cabo-verdiana recorreu à temática do “ir ou ficar”, Manuel Ferreira chegou mesmo a afirmar que a literatura cabo-verdiana deveria buscar urgentemente novos temas, para que passasse à sua maioria literária. Não é fácil – convenhamos – o desvencilhar-se da utopia da Pasárgada, pois essa ideia está no inconsciente coletivo do ilhéu. Deve-se considerar também que o poeta, além de um “fingidor”, é um “sonhador” e, como tal, as suas formas de expressão e sua temática podem variar, contudo permanecerá uma relação com o utópico, a saudade do nunca visto, como se pode encontrar nos versos de Manuel Lopes, em “Poema de quem ficou”, que aparece publicado pela primeira vez em 1937, no número 3 da revista *Claridade*¹.

Na realidade, a produção poética do arquipélago foi mudando, foram acrescidas novas temáticas e surgiram poetas que romperam com as estruturas tradicionais. Corsino Fortes e Arménio Vieira (Prêmio Camões 2009) representam a ruptura, o salto que a poesia cabo-verdiana dá, tanto na apreensão de novas temáticas quanto na busca de novas formas de expressão. “De boca concêntrica na roda do sol”, poema escrito por Corsino Fortes, traz essa ruptura na linguagem poética:

Depois da hora zero E da mensagem povo no tambor da ilha
Todas as coisas ficaram públicas na boca da república
As rochas gritaram árvores no peito das crianças
O sangue perto das raízes E a seiva não longe do coração

E

Os homens que nasceram da Estrela da manhã
Assim foram
Arvore & Tambor pela alvorada
Plantar no lábio da tua porta
África
Mais uma espiga mais um livro mais uma roda

Que

1. Em 1949, publica nos Açores o livro *Poemas de quem ficou*, com destaque para o texto escrito em 1937.

Do coração da revolta
A Pátria que nasce
Toda a semente é fraternidade que sangra

A espingarda que atinge o topo da colina
De cavilha & coronha
Partida partidas
E dobra a espinha
Como enxada entre duas ilhas
E fuma vigilante
o seu cachimbo de paz
Não é uma multidão de guerra
É raiz & esfera no seu tempo & modo
De pouca semente E muita luta (FORTES, 1999, p. 120).

Fortes constrói metáforas insólitas, um misto de animalização/ naturalização, como nos versos: “As rochas gritavam árvores no peito das crianças/ O sangue perto das raízes E a seiva não longe do coração”. Tais recursos estéticos dão ao poema uma dinamicidade bastante evidente, constituindo-se num poema épico que, além da beleza de seus versos, desmitifica a ideia que alguns têm de que os cabo-verdianos não se sentem africanos: “Plantar no lábio da tua porta/ África/ mais uma espiga mais um livro mais uma rocha”. O sentir e o ser cabo-verdianos estão presentes no poema que rememora a luta pela independência e a construção do novo país: “Pátria que nasce do coração da revolta... É raiz & esfera no seu tempo & modo/ de pouca semente E muita luta”.

Poemas de fina concepção como este levaram outros jovens a buscar seu caminho. Dentre estes jovens poetas, nascidos no final dos anos sessenta (século XX), surge José Luís Tavares. É muito curiosa a trajetória deste autor. Seu primeiro livro de poemas, *Paraíso apagado por um trovão*, é publicado aos 36 anos de idade. A respeito disso, quando perguntado sobre sua atividade poética, sobre os seus versos que apresentavam “uma maturidade invulgar nos poetas jovens”, responde: “Não se é jovem poeta quando se publica aos 36 anos, com quase 20 anos de escrita sistemática por trás... quando muito serei um *novo* poeta” (TAVARES, 2005).

Após o livro de abertura, publica *Agreste Matéria Mundo* (2005) e *Lisbon Blues* (2008). Muito bem recebido pela crítica especializada, o poeta conquistou vários prêmios (Mário António, 2004; Jorge Barbosa, 2005; Pedro Cardoso, 2009). Artífice de uma poesia reflexiva, com uma carga filosófica bastante nítida, o que ressalta no fazer poético de Tavares é a linguagem reinventada. *Agreste Matéria Mundo*, por exemplo, é um livro de poemas que traz uma reflexão sobre a condição do poeta e da poesia no século XXI. Leitor confesso de Rilke e de João Cabral de Melo Neto, Tavares destaca também o poeta português Eugénio Andrade e o brasileiro Haroldo de Campos. As leituras que fez destes poetas, bem como o contato que tinha com os poetas cabo-verdianos (em especial João Vário, Corsino Fortes, Gabriel Mariano e Arménio Vieira), proporcionaram a José Luís Tavares um farto material para a elaboração de seus versos recheados de elementos simbólicos, de metáforas particularíssimas, provocando na crítica afirmações como a que fez o também poeta e crítico de literatura José Luís Hopffer Almada (2008): “é pela metaforização do discurso que se salva o pensamento”.

O poema “O rio quando antilira” é exemplar para se confirmar a excelência dos versos de Tavares:

O rio que explode. Quando as mãos
dos anjos vêm varrer a névoa.
Ungido primeiro da tristeza,
escurece-lhe a voz
nas locas onde canta o pez.

Escuto-lhe os decibéis da ira
quando por uma tarde navegável
solta seu manancial de gritos:
já não é essa mansidão que ronronam
os líricos, mas um aguilhão
saltando às têmporas.

Mar e margem amparam o fragor
que leva o desalinho às vísceras.
Na máquina do poema

é lenta a combustão que devolve
o tejo ao afago que tantas metáforas
sussurrou aos zelosos funcionários da musa.

Não há, porém, métrica que cinja
a voz de um rio quando suspira nas entranhas
avivando um passado que é cisco na memória (TAVARES, 2008, p. 59).

Fazendo uma breve análise do poema, pode-se encontrar, já na primeira estrofe, o novo na linguagem: “O rio explode/ quando as mãos dos anjos vêm varrer a névoa”, ou na segunda estrofe, “Escuto-lhe os decibéis da ira/ quando por uma tarde navegável/solta seu manancial de gritos”. Nota-se, nos versos acima, que o poeta incorpora toda uma tradição poética moderna, contribuindo com uma imagética densa, fruto do seu pendor artístico. Não é sem razão que José Luís Tavares destaca João Cabral de Melo Neto como uma de suas preferências; as metáforas usadas no poema, a relação que Tavares faz do rio com o fazer poético, remetem o leitor, de imediato, a um poema de João Cabral, constante em *Educação pela pedra*, “Rios sem discurso”:

Quando um rio corta, corta-se de vez
O discurso-rio de água que ele fazia;
cortado a água se quebra em pedaços,
em poços de água, em água paralítica (MELO NETO, 1967, p. 21).

Aqui, Cabral fala de um “rio sem discurso”, metáfora de um rio sem correnteza, empoçado, porque o “discurso do rio” acontece quando a água flui na correnteza. Ao falar do Tejo, ao se referir à voz do rio, à voz forte do rio, Tavares escreve sobre um rio que tem o seu discurso e esse discurso dificulta o trabalho poético, porque o rio “soltou seu manancial de gritos”. Esse rio descrito por Tavares repudia o lirismo, pois o fragor de suas águas é grandioso e não possibilita ao poeta o versejar, apesar de o rio ter sussurrado “tantas metáforas aos zelosos funcionários das musas”. Os versos finais do poema correspondem à síntese do pensamento metafórico do poeta cabo-verdiano: “Não há, porém, métrica que cinja/ a voz de um rio quando suspira nas entranhas/ avivando um passado que é cisco na memória“. O que pensar destes

versos finais: que o Tejo traz dentro de si toda a história do Arquipélago desde o seu achamento até à diáspora de seu povo? Que o Tejo traz dentro de si todas as lembranças boas e más de homens e mulheres que saíram de Cabo Verde em busca de uma vida mais digna?

A relação que se faz aqui entre o poema de José Luís Tavares e o de João Cabral de Melo Neto tem o seu sentido, mais ainda porque para o cabo-verdiano o rio tem uma atração especial (em Cabo Verde não há rios, há sim o mar sondando e rondando as almas). A voz do rio, o seu discurso, “precisa de muito fio de água”. Cabral termina assim o poema:

Salvo a grandiloquência de uma cheia
 lhe impondo interina outra linguagem,
 um rio precisa de muita água em fios
 para que todos os poços se enfrasem:
 se reatando, de um para outro poço,
 em frases curtas, então frase e frase,
 até a sentença-rio do discurso único
 em que se tem voz a seca ele combate (MELO NETO, 1967, p. 21).

A sentença-rio de Cabral pode ser o rio tavariano, ou seja, um rio que corre, que grita e que, no seu âmago, guarda muito da história da humanidade. As águas correntes trazem um discurso, contudo há um outro discurso, ou melhor, há uma “outra linguagem”, linguagem esta reveladora de todo um passado.

Portanto, a leitura do poema “O rio quando antilira” pode ser relacionada ao poema “Rios sem discurso”. As particularidades de cada poema vão por conta das especificidades dos autores. Alguns críticos, ao analisarem os poemas de Tavares, consideram-no pouco cabo-verdiano. Questionado sobre o assunto, o poeta responde:

Sou poeta e sou caboverdiano. O ser caboverdiano está subsumido na condição de poeta. Clandestino na ditadura do mundo, como o definiu Herberto Helder, o poeta nunca é de um só lugar, de uma só língua, de uma só tradição. Híbrida e viajante é a sua condição, e, no meu caso pessoal, ainda mais em decorrência do ethos, das peculiaridades históricas e do longo afastamento do solo pátrio (TAVARES, 2005).

Entretanto, esse afastamento das Ilhas não impede que Tavares seja “um sopro badio e de uma sensibilidade cabo-verdiana”, nas palavras de José Luís Hopffer Almada (2008). Se ele, de fato, fosse pouco cabo-verdiano, não faria um poema como o que vem a seguir:

Curvo-me

Curvo-me ao obstinado peso das raízes.
Mais alto se erguem os morosos frutos
da inquietude. Por todo o meu corpo
animais em deserção, bélicos murmúrios,
impedentes murmúrios, desdenhada fortuna.

Não sei de barcos, não sei de pontes,
Para outro tão melodioso território.
Afeiçoados ficaram os olhos ao sonhado
verde dos campos. Derrotados sob o
adivinhado zelo do sol por quantos dias
a ilha estremece ao terror da sede
e da ruína.

Deram-lhe navegadores nome de santo,
quando à vista das angras lágrimas
e gritos se confundiram. E na hora terreal,
feito o sinal da cruz, divisa de quem
por tão longes terra os mandara navegar,
um destino de penumbra ali se traçou.

E ficamos náufragos, irmãos dos chibos,
pela ocidental terra que o dia já desnuda.
Pelos sinos da matriz avisando da inexorável
aproximação dos corsários (um tempo
de rapina subjaz ainda na memória desses
anos) eu vos saúdo, velho cadamosto,
diogo gomes, antónio da noli; eu vos saúdo

desde esses picos de sede de onde a noite
 mais veloz se confunde com os defraldados
 estandartes da alegria
 (TAVARES, in *Do Rovuma a Maputo*, p. 209).

Como considerar pouco cabo-verdiano um poeta que escreve um poema como este, em que se pode encontrar desde os momentos claridosos, até momentos da *Certeza*, do *Suplemento Cultural* e da *Seló*, repercutidos nos versos? As ilhas, a seca, a morte espreitando os ilhéus e a *morabeza* – características maiores de um povo hospitaleiro – são presenças muito fortes nos poemas de Tavares.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Mário Pinto de. *Antologia temática da poesia africana I: na noite grávida de punhais*. Lisboa: Sá da Costa, 1975.
- ALMADA, José Luís Hopffer. Alguns marcos da emergência de novos paradigmas na poesia caboverdiana contemporânea. Disponível em: <<http://www.asemana.publi.cv>>. Acesso em: 11 jun. 2010.
- _____. José Luís Tavares: um percurso fecundo e luminoso na novíssima poesia caboverdiana. *Revista Agulha*, março-abril 2008. Disponível em: <<http://www.revista.agulha.nom.br/ag62tavares.htm>>. Acesso em: 23 nov. 2011.
- BANDEIRA, Manuel. *Meus poemas preferidos*. Rio de Janeiro: Edições Ouro, [s.d.].
- BRÁS, Alice (coord.). *Vozes poéticas da lusofonia*. Sintra: Câmara Municipal/Instituto Camões, 1999.
- FORTES, Corsino. *Pão & Fonema*. Lisboa: Sá da Costa, 1980.
- _____. *Árvore & Tambor*. Lisboa: ICLP; Publicações D. Quixote, 1986.
- _____. “De boca concêntrica na roda do sol”. In: BRÁS, Alice; MAIA, Armandina (coord.). *Vozes poéticas da lusofonia*. Sintra: Câmara Municipal-Instituto Camões, 1999, p. 120.
- LOPES, Manuel. *Poemas de quem ficou*. Açores: Oficinas Gráficas da Livraria Andrade, 1949.
- MELO NETO, João Cabral de. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1967.
- TAVARES, José Luís. *Paraíso apagado por um trovão*. Praia: Spleen, 2004.
- _____. *Agreste Matéria Mundo*. Porto: Campo das Letras, 2004.
- _____. Entrevista a Maria João Cantinho. *Storm-Magazine*, edição 25, 2005. Disponível em: <<http://www.storm-magazine.com>>. Acesso em: 11 jun. 2011.

- _____. *Lisbon Blues*. São Paulo: Escrituras, 2008.
- TAVARES, José Luís. Curvo-me. In: PEREIRA, Carlos Pinto (org.). *Do Rovuma a Maputo - Antologia de autores africanos*. Edição eBooks Brasil. Disponível em: <<http://www.scribd.com>>. Acesso em: 27 mar. 2012.
- VIEIRA, Arménio. *Poemas*. Lisboa: África, 1981.

Recebido em 20 de junho e aprovado em 31 de outubro de 2012.